

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: CORREIO BRAZILIENSE

Class.: MADEIRA

Data: 26/12/92

Pg.: 10 98

### Laboratório pesquisa novas espécies

O Laboratório de Produtos Florestais (LPF) do Ibama já estudou e classificou mais de 300 espécies madeireiras da Amazônia. Com essa classificação, conhecida como caracterização tecnológica da madeira, os pesquisadores identificam todas as propriedades físicas e mecânicas de uma espécie para o seu uso mais adequado e racional.

“A caracterização reduz o desperdício da matéria-prima e dá um aproveitamento mais adequado para a madeira”, explica a bióloga Vera Rauber Coradin, diretora do LPF. Além disso, diz Vera, a tecnologia de madeira permite que espécies com reservas já exauridas possam ser substituídas por outras de características semelhantes. “Quando se devasta uma floresta de mogno, são derrubadas também outras espécies que podem ser aproveitadas e que não estão sendo”, ressalta Vera. No Brasil, o aproveitamento real de uma tora de madeira é de apenas 50 por cento. “Isso sem contar o que ficou na floresta”, diz Vera.

AG.BRASIL



A caracterização permite o uso adequado das madeiras

Um típico exemplo do mau uso da madeira é a sua superutilização. O mogno, diz Vera, está sendo utilizado em casos que não têm necessidade. “Nem todos os usos são necessários”, explica ela, citando o caso do uso do mogno, uma madeira nobre, na estrutura interna de sofás, que é recoberta

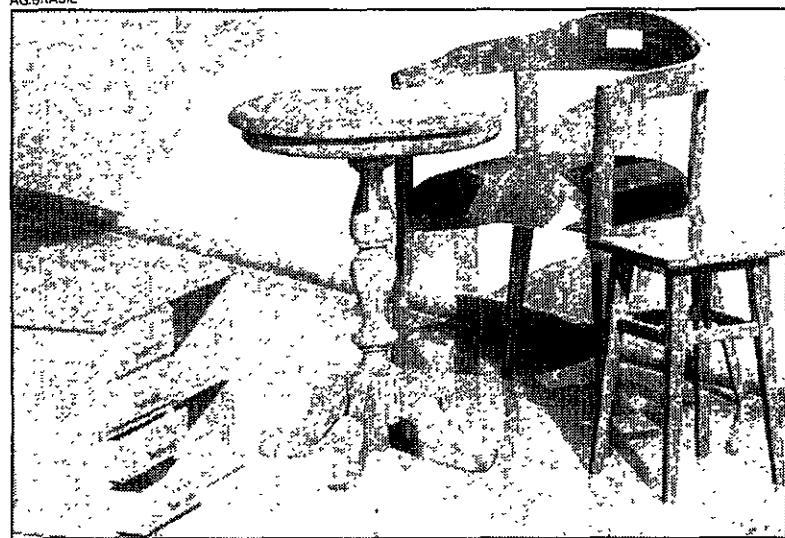
posteriormente com tecido. A caracterização fornece informações sobre a densidade, contração, secagem, retenção de preservativos e dados anatômicos da madeira. Com isso, é possível saber para o que a madeira serve, melhor forma de corte, secagem e outras utilizações.

### “Não existe madeira ruim”

O lançamento de um novo tipo de madeira no mercado pode ajudar a diminuir a pressão sobre as espécies mais utilizadas. Por isso, desde 1982, o laboratório de Produtos Florestais (LPF) do Ibama procura divulgar junto aos moveleiros brasileiros espécies madeireiras da Amazônia, que podem ser utilizadas para a fabricação de móveis, em substituição às espécies mais conhecidas e com as reservas já em processo de exaustão.

“Procuramos dar um aproveitamento econômico às espécies que são simplesmente queimadas ou deixadas a apodrecer na mata, por não terem valor no mercado”, explica Maria Helena de Souza, responsável pelo setor de produtos florestais do LPF. “Não existe madeira ruim. Para alguma coisa ela serve”, argumenta. O termo “madeira-de-lei”, segundo Maria Helena, foi usado durante o Império para designar as madeiras que eram

AG.BRASIL



Móveis feitos pelo LPF usando madeiras alternativas da Amazônia

proibidas de serem usadas pelos plebeus.

A maior dificuldade para os fabricantes ao usar madeira novas é conseguir trabalhá-la da forma mais adequada. O que pode ocorrer é o superdimensionamento (quando a madeira tem uma densidade mais elevada) e o subdimensionamento (quando a madeira é mais leve). “No Bra-

sil se usa muito pouco a tecnologia de madeira. Não existe inovação”, diz Maria Helena. A pesquisadora acredita que o design tem papel fundamental na viabilização do uso de nova madeiras. “O consumidor também precisa ser mais bem orientado”, diz. O Ibama já lançou um catálogo com sete espécies de madeiras que podemos ser substitutas do mogno.